

# Tradução

*Translation*

## Somos autômatos?

**William James**

Tradução de **Arthur Araújo\***

JAMES, William. Are we automata? *Mind*, v. 4, n. 13, p. 1-22, Jan. 1879.\*\*

**Data de recebimento:** 07/04/2020

**Data de aceite:** 25/05/2020

**DOI:** 10.23925/2316-5278.2020v21i1p165-183

### Nota de apresentação da tradução

O presente artigo traduzido de William James, originalmente, consta de uma publicação no periódico *Mind* (1879). Posteriormente, em 1890, o texto compõe o capítulo V, “The Automaton-Theory”, em *The Principles of Psychology* (1890). Não somente por expressar uma compreensão alternativa de consciência como um processo funcionalmente seletivo, James antecipa muitos tópicos de discussão em filosofia da mente e neurociência, a saber, a lacuna [chasm] entre mente e cérebro que uma visão materialista parece supor – na literatura recente especializada, quando usado por James, o termo “chasm” evidencia o problema “explanatory gap” [lacuna explicativa] de descontinuidade epistemológica entre mente/consciência e cérebro.

Como o texto original do artigo de James tem literalmente um estilo coloquial, em diversas passagens, precisei inserir entre colchetes verbos, pronomes e artigos que pudessem tornar a leitura inteligível em português. Em muitas partes do texto, uma numeração está indicada entre colchetes. Ela corresponde à paginação da publicação original.

\*\*\*

---

\* Professor de filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Brasil. E-mail: aart037@gmail.com.

\*\* N. do T.: O texto base para esta tradução foi obtido através do portal [www.dominio-publico.gov.br](http://www.dominio-publico.gov.br). Disponível em: <http://www.dominio-publico.gov.br/download/texto/ps000108.pdf>

Todos agora estão familiarizados com a teoria do autômato consciente, para a qual o Prof. Huxley<sup>3</sup> deu tanta publicidade em seu discurso em Belfast – que o falecido sr. D. A. Spalding tornou meticulosamente o pivô de todas suas resenhas de livros na *Nature* – que o Prof. Clifford criticou fortemente como dogma essencial à salvação em uma conferência sobre “Corpo e Mente”,<sup>4</sup> mas que encontrou sua exposição mais antiga e mais qualificada no magnífico trabalho do sr. Hodgson [intitulado] *The Theory of Practice [A Teoria da Prática]*.<sup>5</sup> A teoria sustenta que em tudo o que somos exteriormente somos puras máquinas materiais. O sentimento é um mero produto colateral dos nossos processos nervosos, incapaz de reagir sobre eles não mais do que uma sombra reage aos passos de um caminhante que ela acompanha. Inerte, desprovido de influência, um simples passageiro na viagem da vida, a quem se permite permanecer a bordo, mas sem tocar no leme ou manusear o cordame.

A teoria também sustenta que estamos errados ao supor que nossos pensamentos despertam um ao outro por congruência interior ou necessidade racional, que esperanças frustradas *causam* tristeza, pressupõem conclusões etc. Os sentimentos estão meramente justapostos em uma ordem sem coesão mútua, pois os processos nervosos, aos quais eles correspondem seguidamente, despertam um ao outro naquela ordem. [p. 2]

Pode parecer estranho que essa última parte da teoria devesse ser sustentada por autores que, como o Prof. Huxley, expressaram abertamente suas crenças na doutrina da causalidade de Hume. Tal doutrina afirma que a causalidade, que pareceremos encontrar entre os termos de uma cadeia física de eventos, é uma projeção externa ilegítima de uma necessidade interna pela qual sentimos cada pensamento brotar do seu antecedente costumeiro. Retire o cordão da necessidade entre as ideias mesmas e, de fato, torna-se difícil para um humeano [*sic*] dizer como a noção de causalidade nasceu.

Este é, entretanto, um *argumentum ad hominem* que não precisa nos confundir. A teoria em si mesma é uma consequência inevitável da extensão da noção de arco reflexo aos centros nervosos superiores. O Prof. Huxley começa com uma rã decapitada que realiza aparentes atos racionais, embora provavelmente ela não tenha consciência, e passando aos hemisférios do homem, conclui que a racionalidade das suas atividades não deve nada aos sentimentos coexistentes a elas. Este é o procedimento inverso do sr. Lewes. Ele começa com os hemisférios, e encontrando suas atividades aparentemente guiadas por sentimentos, conclui que, quando chega à medula espinhal, ainda latente, o sentimento deve estar lá para assim torná-lo um ato racional. Certamente, tais argumentos podem devorar-se a si mesmos por toda a eternidade.

A razão pela qual os autores de que falamos do risco de dogmatizar, como eles fazem sobre esse tema, parece ser devido a um tipo de fé filosófica, criada, como a maioria das religiões, a partir de uma demanda estética. Eventos mentais e físicos são admitidos, em toda parte, por apresentarem o mais forte contraste no domínio inteiro do ser. O abismo que se escancara entre eles é menos facilmente

3 *Fortnightly Review*, v. XVI, p. 555.

4 *Ibid.*, p. 714.

5 v. 1, p. 416ss.

superado pela mente do que por qualquer lacuna que conhecemos. Por que, então, não a chamar de uma lacuna absoluta? E dizer não somente que os dois mundos são diferentes, mas que são interdependentes? Isso nos dá o conforto de todas as fórmulas simples e absolutas, e torna cada cadeia homogênea a nossa consideração. Quando estamos falando de tremores nervosos e ações corporais, podemos nos sentir seguros contra a intrusão de um mundo mental irrelevante. Quando, por outro lado, falamos de sentimentos, podemos com igual consistência usar termos sempre de uma denominação e nunca nos irritar com o que Aristóteles chama de “escorregar para um outro tipo”. O desejo dos homens educados em laboratórios de não misturar seus raciocínios físicos com fatores incomensuráveis como sentimentos é, certamente, muito forte. Nada é mais comum do que ouvir eles falarem de eventos conscientes como alguma coisa tão essencialmente vaga e obscura quanto duvidosamente existente que ouvi um biólogo [p. 3] muito inteligente dizer: “Já é tempo para os homens de ciência protestarem contra o reconhecimento de tal coisa como consciência na investigação científica”. Em uma palavra, o sentimento constitui a metade “não-científica” da existência, e qualquer um que aprecie chamar-se a si mesmo “cientista” ficará feliz em conseguir uma homogeneidade irrestrita de termos nos estudos de sua predileção, ao pequeno custo de admitir um dualismo que, no mesmo fôlego que permite ocupar-se de um status independente do ser, envia o sentimento ao limbo da inércia causal, de onde nenhuma intrusão ou interrupção nas suas partes jamais precisa ser temida.

Mas o Senso Comum também pode ter suas demandas estéticas e, entre elas, pode estar a ânsia por unidade. O espetáculo de um último e inexplicável dualismo na natureza das coisas pode ser tão insatisfatório quanto a obrigação de calcular com termos heterogêneos. Dois “aspectos”, *nemine adspiciente*, parecem desnecessários. Pode-se recusar, mesmo que seja absolutamente dominado pela evidência, a acreditar que o mundo contém itens que de maneira alguma influenciam seus vizinhos; cuja necessidade de existência ou não-existência, tanto quanto o restante, não seja levada em consideração. É um pensamento mais suave e harmonioso imaginar todos os itens do mundo, sem exceção, entrelaçados em vínculos de ação e reação, formando um único todo dinâmico.

E agora, quem decidirá entre essas necessidades estéticas rivais? Um retroceder *a priori* diante da “lacuna” entre os objetos de nossa contemplação é tão respeitável quanto desgostar da heterogeneidade nos fatores de nossas operações de raciocínio. A verdade é, então, que nem motivos estéticos nem razões ostensivas nos permitem decidir entre a teoria do Autômato-Consciente e a teoria do Senso Comum. Ambas, igualmente, são concepções possíveis, e para alguém afirmar dogmaticamente a verdade de uma, é, no presente estado do nosso conhecimento, procedimento extremamente não-científico.

A questão, para nós, então, é: podemos ter clareza a partir de quaisquer fatos até agora ignorados na discussão? Uma vez que a evidência direta de nosso sentimento de vida é descartada do tribunal como mentirosa, podemos encontrar evidências circunstanciais que tenderão ao equilíbrio de algum modo e nos salvarão da lúgubre disputa de preconceito e apreensão?

Penso que podemos e proponho, no restante deste artigo, mostrar que essa evidência presuntiva favorece totalmente a eficácia da Consciência. A Consciência, nomeadamente, tem evoluído, de modo lento, na progressão animal e, nesse

aspecto, assemelha-se a todos os órgãos que possuem uso. Como o mero excedente descrito pela teoria do Autômato-Consciente seria inútil, segue-se [p. 4] que, se pudermos descobrir a utilidade da consciência, derrubaremos essa teoria.

Nosso problema, conseqüentemente, é: de que utilidade para o sistema nervoso é uma consciência superadicionada? Um cérebro que tem [consciência] pode funcionar melhor do que um cérebro sem ela? E para responder essa questão, primeiro, devemos conhecer os defeitos naturais do cérebro e, em segundo lugar, os poderes peculiares dos seus correlatos mentais. Na medida em que a consciência está presumivelmente em seu mínimo em criaturas cujo sistema nervoso é simples e em seu máximo no cérebro hipertrofiado do homem, a inferência natural é que, como um *organe de perfectionnement*<sup>6</sup>, ela é mais necessária onde o sistema nervoso é altamente evoluído; e a forma que nossa primeira questão toma é: quais são os defeitos característicos dos centros nervosos altamente evoluídos?

Se tomarmos as ações dos animais inferiores – e as ações dos gânglios inferiores nos animais superiores, o que mais nos impressiona é a determinação com que respondem a um determinado estímulo. A adição dos hemisférios cerebrais introduz, imediatamente, uma certa incalculabilidade no resultado, e essa incalculabilidade atinge seu máximo com as relativamente enormes convoluções cerebrais do homem. Na rã decapitada, as pernas se contraem tão fatalmente quando tocamos a pele com ácido quanto quando saltamos pulando corda. O maquinário é tão limitado e perfeito tanto em um caso quanto no outro. Mesmo se todos os centros acima do cordão, com exceção dos hemisférios cerebrais, são deixados no lugar, a regularidade semelhante à máquina de resposta do animal é dificilmente menos impressionante. Ela respira, engole, engatinha, vira de costas, sobe ou desce em posição vertical, nada e para em um determinado momento, ela coaxa, salta para frente duas ou três vezes – cada um e todos [os movimentos adquirem] uma regularidade quase infalível com minha instrução de comando, e somente na condição de ser um fisiologista experiente, eu saiba quais gânglios deixar e que impulso específico causará a ação que eu desejo. Assim, se eu simplesmente remover seus hemisférios e inclinar minha mão para baixo, ela subirá, mas não pulará. Se eu o beliscar embaixo das axilas, ela coaxará uma vez a cada beliscão; se eu o jogar na água, ela nadará até eu tocar suas patas com um graveto, quando ela imediatamente parará. Sobre uma rã com um cérebro inteiro, o fisiologista não tem esse poder. O sinal pode ser dado, mas ideias, emoções ou caprichos serão despertados em vez da resposta motora fatal, e é impossível prever se o animal saltará, coaxará, mergulhará ou nadará ou inchará sem se mover. No cérebro de um homem, os cursos de ação, expressamente remotos e imprevisíveis aos quais uma determinada impressão nos sentidos pode dar origem, são notórios demais para precisar de ilustração. O fato de que percebemos isso depende de nossas inquietações mentais no momento. Se percebemos, nossa [p. 5] ação novamente depende das “considerações” que ela desperta, e elas novamente podem depender tanto de nosso humor transitório ou de nossa experiência mais recente quanto de quaisquer tendências constantes organizadas em nossa natureza.

Podemos, então, afirmar como um fato estabelecido que as partes mais perfeitas do cérebro sejam aquelas cuja ação é menos determinada. É essa

6 N. do T.: Em francês no original.

própria imprecisão que constitui a vantagem dessas partes. Elas permitem que quem as possua adapte sua conduta às mínimas alterações nas circunstâncias ambientais, qualquer uma das quais que possa ser um signo para ele, sugerindo metas distantes mais potentes do que quaisquer solicitações atuais do sentido. Agora, parece que certas conclusões mecânicas devem ser tiradas desse estado de coisas. Um órgão influenciado por pequenas impressões é um órgão cujo estado natural é de equilíbrio instável. Podemos imaginar que as várias linhas de descarga no cérebro estejam quase no mesmo nível do ponto de permeabilidade – que descarga uma determinada pequena impressão produzirá talvez possa ser chamada de acidental, no sentido em que dizemos que é uma questão de acidente se uma gota de chuva caindo em uma cordilheira desce a encosta leste ou oeste. É nesse sentido que podemos chamar de questão de acidente se o primeiro filho de uma mulher é menino ou menina. O óvulo é um corpo tão instável que certas causas muito pequenas para nossa apreensão podem, em um determinado momento, inclinar-se de uma maneira ou de outra. A lei natural de um órgão constituído dessa maneira não pode ser senão uma lei do capricho. Não vejo como se poderia razoavelmente esperar do órgão certa busca de linhas úteis de reação como os poucos e fatalmente determinados desempenhos dos centros inferiores que se constituem dentro de sua esfera estreita. O dilema em relação ao sistema nervoso parece ser do seguinte tipo. Podemos construir um [sistema nervoso] que reaja infalivelmente e de modo seguro, mas, então, ele será capaz de reagir a pouquíssimas mudanças no ambiente – ele falhará em adaptar-se a todo o resto. Por outro lado, podemos construir um sistema nervoso potencialmente adaptado para responder a uma variedade infinita de características minuciosas na situação; mas sua falibilidade será tão grande quanto sua elaboração. Nós nunca podemos ter certeza de que seu equilíbrio será perturbado na direção apropriada. Em suma, um cérebro superior pode fazer muitas coisas e pode fazer cada uma delas com uma estimulação muito trivial. Mas a sua organização de gatilho faz do cérebro uma questão de imprevisibilidade, acaso. Ele é tão propenso a fazer uma coisa maluca quanto uma coisa saudável a qualquer momento. Um cérebro inferior faz poucas coisas e, ao fazê-las, fica inteiramente privado de todos os outros usos. As performances de um cérebro superior são como um dado lançado continuamente em uma mesa. A menos que estejam adulterados, qual a chance de que o número mais alto apareça com mais frequência do que o menor? [p. 6]

Tudo isso é dito do cérebro como uma máquina física pura e simples. A consciência pode aumentar sua eficiência adulterando o dado? Esse é o nosso próximo problema.

Mas antes de atacar diretamente o problema, devemos parar um momento e assegurar de que apreendemos claramente o significado de expressões tais como *descarga útil*, *direção apropriada*, *reação correta*, e similares, que temos utilizado. Todos eles pressupõem algum Bem, Fim ou Interesse a ser do animal. Até que esse objetivo da sua salvação seja assumido, não temos critérios para estimar a utilidade de qualquer uma das suas reações. Agora, uma coisa importante a ser observada é que o objetivo não pode ser assumido absolutamente na medida em que consideramos a ordem puramente física de existência. A matéria não tem ideais. Deve ser inteiramente indiferente às moléculas de C, H, N e O, sejam elas combinadas em um corpo vivo ou morto. O que as condições presentes

necessitam forçosamente é que as moléculas façam com a mesma infalibilidade e clareza; se o resultado de sua ação é o perfume de uma rosa ou o odor de carniça, as palavras de um Renouvier ou o crepitar de espinhos embaixo de uma panela, ele é produzido com tão pouca relutância em um caso quanto no outro. O Bom envolve a noção de pior, exige comparação e, para uma gota de água comparar seu estado atual com um estado ausente ou comparar seu eu total com uma gota de vinho, envolveria um processo que não é frequentemente considerado físico. Comparação requer um *tertium quid*, um locus – chame-o como queira – em que as duas existências externas possam se encontrar em termos iguais. Esse fórum é o que se conhece como uma consciência. Mesmo sensações não podem ser supostas simplesmente como tais a serem cientes das relações entre si. Uma sucessão de sentimentos não é (como reitera James Mill) uma e a mesma coisa que o sentimento da sucessão, mas uma coisa completamente diferente. O último sentimento requer uma autotranscendência de cada item, para que cada um não apenas *esteja* em relação, mas conheça sua relação com o outro. Essa autotranscendência dos dados constitui a forma consciente. Onde supomos que ela exista, nós temos a mente; onde a mente existe nós temos autotranscendência.

Você pode, é verdade, atribuir mente a um processo físico. Você pode permitir que o átomo envolvido em alguma energia presente tenha uma consciência onírica de poderes residuais e um julgamento que diz “Aqueles são melhores que este”. Você pode fazer com que a chuva que cai ladeira abaixo represente uma subida impossível como seu bem maior. Ou você pode fazer os átomos C, H, N e O do meu corpo conspirarem intencionalmente na sua construção como o melhor ato do qual eles são capazes. Mas fazendo isso, você abandonou a esfera das puras relações físicas.

Assim, então, as palavras Uso, Vantagem, Interesse, Bom não encontram nenhuma aplicação em um mundo em que não existe consciência. [p. 7] Não há coisas nem boas nem ruins; elas simplesmente são ou não são. A verdade ideal para existir realmente requer que a mente, também existindo, deve lidar com ela como um juiz lida com a lei, realmente alcançando aquilo que ela apenas professa declarar.

Mas, admitindo tal mente, devemos, além disso, observar que a direção do veredicto sobre se A ou B é melhor, é uma expressão final e arbitrária de sentimento, um decreto ou decreto absoluto. O que é bom é bom; se não é, é apenas porque nega algum outro bem que o mesmo poder de sentir estampa como um Melhor.<sup>7</sup>

---

7 Tratei essa questão da teleologia como uma função exclusivamente consciente, mais detalhadamente no artigo “Spencer’s Definition of Mind” [A definição de Spencer de Mente] (*Journal of Speculative Philosophy*, Jan. 1878) ao qual tomo a liberdade de indicar ao leitor. O fato de que cada consciência simplesmente arrisca seus fins e desafia o mundo é, portanto, mais notável no bem-estar do que é chamado Amor-próprio. Lá, o fim apostado por cada mente é peculiar a si mesma, enquanto, em relação a outros fins, muitas mentes podem se unir em uma posição comum. Mas a essência psicológica desses fins impessoais não difere de maneira alguma do interesse próprio. Abolir as mentes a quem parecem bons e não têm status; nem o imperativo categórico que parece, o que pode fazer John Smith crescer e prosperar, tem uma *ratio existendi* após o desaparecimento das luxúrias particulares de Smith.

Portanto, é certo que, aventurando-se em discutir a perfeição e os usos do cérebro, assumimos desde o início a existência da consciência de *alguém* para possibilitar a *discussão*, definindo algum bem ou interesse específico como padrão pela qual a excelência do cérebro deve ser medida. Sem tais medidas, o cérebro não é melhor do que o de um maníaco suicida, pois um funciona tão perfeitamente bem quanto o outro em seu objetivo. Considerado como mera existência, um cadáver em decomposição é tão real quanto um chanceler vivo e, por assim dizer a física, tão desejável. A consciência de declarar a superioridade de um ou de outro simplesmente cria o que, antes da sua decretação, não existia. O juiz faz a lei anunciando: se o juiz for um verme, o cérebro do suicida será melhor; se é um rei, o do chanceler.

A consciência do sr. Darwin estabelece como axiomático que a autopreservação ou a sobrevivência é o bem essencial ou universal para todos os seres vivos. Os processos mecânicos de “variação espontânea” e “seleção natural” produzem esse bem por sua ação combinada; mas sendo processos físicos, em nenhum sentido, pode-se dizer que eles intencionam qualquer coisa. Os seguidores dos teólogos, corretamente, desprezam quem afirma tal processo físico; da evolução, segue-se um ideal de perfeição. Mas agora suponha que não apenas nossa consciência darwiniana, mas, com uma energia [p. 8] ainda maior, que a consciência da própria criatura postule a sobrevivência como seu *summum bonum* e, por sua faculdade cognitiva, reconheça, assim como o sr. Darwin, quais de suas ações e funções preservam esse bem; a adição de eficácia causal a essa consciência não lhe permitiria fornecer os meios, bem como fixar o fim – torná-lo teleologicamente um lutador e também um portador de padrões? Em outras palavras, essa consciência não pode promover ou aumentar, por sua função de eficácia, a quantidade dessa “utilidade” da parte do cérebro que ela define e calcula por meio das suas outras funções? Para responder a essa pergunta, precisamos analisar um pouco de perto as peculiaridades da consciência individual tal como ela se apresenta fenomenalmente à nossa observação.

Se usarmos a velha palavra categoria para denotar cada forma irreduzivelmente peculiar de síntese, na qual os fenômenos podem ser combinados e relacionados, certamente, teríamos de erigir uma categoria de consciência, ou o que, com Renouvier, se preferirmos, podemos chamar de categoria da personalidade. Essa categoria pode ser definida como o modo no qual os dados são reunidos para *comparação com vista à escolha*.<sup>8</sup> Ambos os pontos, comparação e escolha, serão encontrados onipresentes nos diferentes estágios da atividade da personalidade. O primeiro sempre foi reconhecido; o último menos do que merece.

---

8 Nem “associação” nem “dissociação” são sínteses de um tipo peculiar; são meros modos genéricos e são totalmente impróprios para servir como *differentiae* de fenômenos psíquicos em qualquer classificação filosófica geral. Comparação e escolha, pelo contrário, são *sui generis*. Não se diga que um ímã compara as diferentes limalhas de uma oficina de máquinas para escolher as limalhas de ferro da pilha. Não há provas de que as limalhas de *latão* o atraiam. Em comparação, ambos os termos apelam igualmente à consciência.

Muitas têm sido as definições dadas pelos psicólogos à essência da consciência. Uma das mais perspicazes e enfáticas de todas é a de Ulrici, que em seu *Leib und Seele* e em outro lugar, pontualmente, reverte a fórmula da reinante escola britânica ao chamar a consciência de uma atividade discriminante – uma *Unterscheidungsvermögen*. Mas, mesmo Ulrici não afirma que a consciência cria as diferenças das quais se torna ciente de em seus objetos. Eles preexistem e a consciência somente os discerne; de modo que, não obstante, a definição de Ulrici equivale a pouco mais do que dizer que a consciência é uma faculdade de cognição – um resultado bastante estéril. Podemos, penso eu, avançar e acrescentar que os poderes de cognição, discriminação e comparação que possuí, existem apenas em prol de algo além deles mesmos, a saber, a Seleção. De qualquer ponto de vista, quem estuda a consciência está, em última análise, confrontado com o mistério do *interesse* e da *atenção seletiva*. Há [p. 9] muitas coisas em que a consciência *está* em modo passivo e receptivo por meio dos seus poderes cognitivos e registros. Mas, há uma coisa que a consciência faz, *suâ sponte*, e que parece uma peculiaridade original sua; ou seja, em um determinado momento, sempre escolher entre as múltiplas experiências presentes a ela alguma para uma acentuação específica e ignorar o [*sic*] resto. E agora mostrarei como, das formas mais simples às mais complicadas, a consciência exerce essa função com uma incessante diligência.

Para começar de baixo, inclusive com a região infraconsciente que, segundo o sr. Spencer, é o estágio mais baixo da mentalidade. O que são nossos sentidos senão órgãos de seleção? Através do caos infinito dos movimentos, do qual a física nos ensina que o mundo exterior consiste, cada órgão dos sentidos escolhe aqueles que se enquadram dentro de certos limites de velocidade. A eles, o órgão responde, mas ignora o resto como se, completamente, eles não existissem. Assim, ele acentua movimentos particulares em um modo pelo qual objetivamente parece não haver nenhuma base válida; afinal, como diz Lange, não há razão qualquer que seja para pensar que o *gap* na natureza entre as maiores ondas de som e as mais baixas ondas de calor seja ruptura abrupta como aquela das nossas sensações, ou que a diferença entre os raios violeta e ultravioleta tenha algo como a importância objetiva representada subjetivamente pela diferença entre luz e escuridão. Do que em si é um *continuum*, corrente indistinguível, desprovido de distinção ou valor, nossos sentidos nos fazem, seguindo tal movimento, ignorar um mundo cheio de contrastes, de fortes modulações, de mudanças bruscas, em uma palavra, de luz e sombras pitorescas.

Se as sensações, que recebemos de um determinado órgão, têm suas causas assim reconhecidas por nós pela conformação da terminação do órgão, por outro lado, a atenção, entre todas as sensações produzidas, seleciona algumas como dignas de nota e suprime todo o resto; a obra imortal de Helmholtz, *Physiological Optics*, é um pouco mais do que um estudo das sensações visuais das quais os homens comuns nunca estão cientes – pontos cegos, *muscae volitantes*, pós-imagem, irradiação, franjas cromáticas, alterações marginais de cor, imagens duplas, astigmatismo, movimentos de acomodação e convergência, rivalidade retiniana e muito mais. Nunca sabemos, como apontou o Professor William B. Rogers, em qual dos nossos olhos uma imagem cai até serem exercitados a perceber a sensação

local. Tão frequentemente esquecido pela maioria das pessoas, é o [fato] de que, eventualmente, alguém é cego de um único olho sem saber [p. 10].<sup>9</sup>

Helmholtz diz que só usamos nossas sensações como *signos*. As sensações das quais desviamos nossa atenção são aquelas que não têm valor como sinais da presença de coisas objetivas. Essas coisas são chamadas de Objetos da percepção. Mas o que eles são? Nada, como me parece, a não ser grupos de sensações coerentes. Este não é um lugar para criticar o tratamento da percepção de Helmholtz, mas posso dizer que acredito que suas afirmações um tanto indefinidas e oraculares sobre o papel desempenhado pelo intelecto tenham contribuído momentaneamente para retardar a investigação psicológica. Encontramos os filósofos kantianos em toda parte o saudando como o grande corroborador experimental das visões de seu mestre. Eles dizem que ele provou que a sensação presente não tem nada a ver com a construção do Objeto, que é um ato original do intelecto que a sensação apenas instiga, mas não regula: ela contém elementos ultrassensacionais. Tudo o que Helmholtz realmente prova é que o chamado Objeto é constituído por sensações *ausentes*. O que ele não percebeu explicitamente é que, entre elas, a mente escolhe certos aspectos particulares como sendo mais essenciais e característicos do que o resto. Quando, por exemplo, ao receber uma sensação retiniana peculiar com dois ângulos agudos e dois obtusos, *percebo* uma mesa quadrada, isso contradiz minha imagem presente; o que é a *quadratura* senão uma dentre um número infinito de possíveis sensações retinianas que o mesmo objeto pode produzir? De todos esses elementos, a mente, por suas próprias razões estéticas, destacou um [elemento] e escolheu chamá-lo de atributo essencial do objeto? Se houvesse espaço aqui, penso, poderia ser demonstrado que a percepção não envolve nada além de associação e seleção. A antítese não é, como gostariam os admiradores de Helmholtz, entre sensações, por um lado, como signos e produtos intelectuais originais, materialmente diferentes das [p. 11] sensações, e, por outro, como Objetos. É entre as sensações presentes como signos e certas sensações ausentes como Objetos, sendo essas últimas arbitrariamente selecionadas dentre um grande número como sendo mais

- 
- 9 Se alguém quisesse entrar em construções *à [sic] a priori à la* Spencer, poderia facilmente mostrar como a diferenciação de órgãos dos sentidos surgiu no pólipo primitivo por meio desse reforço por uma atenção seletiva (supostamente eficaz) de porções particulares do o sentimento produzido por um órgão já nascido. O tegumento do animal pode, por exemplo, ser afetado inicialmente por vibrações da luz e por aqueles muito abaixo deles. Mas se os primeiros forem escolhidos pela consciência como os mais interessantes, o mundo dos movimentos nervosos logo fica mais e mais harmonioso com eles e cada vez mais desafinado com o resto. Um nervo óptico e retina resultariam assim. Pode-se corroborar esse raciocínio apontando para o que acontece nos casos de estrabismo. O olho estrábico fornece imagens duplas que são tão inconvenientes que a mente é forçada a abstrair sua atenção deles. Essa recusa resolvida de seguir as sensações de um olho logo o torna totalmente cego. Parece, de fato, que a atenção suprimiu positivamente a função da retina, pois a presença de catarata, que impede completamente a imagem, não resulta em paralisia. Não insisto nesse ponto em parte porque essa especulação é bastante barata inexpressiva – “que tudo o que elevou as flores veio da semente” [“all may raise the flowers now, for all have got the seed” – citação do novelista E. F. Benson] – e em parte porque parece haver alguma razão para duvidar se a explicação geralmente admitida da cegueira estrábica seja correta.

objetivas e reais que as demais. A forma real do círculo é considerada como a sensação que ocorre quando a linha de visão é perpendicular ao seu centro – todas as outras sensações são signos dessa sensação. O som real do canhão é a sensação que faz quando o ouvido está próximo. A cor real do tijolo é a sensação que ocorre quando o olho o olha diretamente de um ponto protegido da luz solar e ainda não na escuridão; sob outras circunstâncias, o olho nos fornece outras sensações de cores que não são signos disso – quando, então, olhamos o tijolo e ele parece mais rosa ou mais escuro do que realmente é. O leitor não conhece nenhum objeto que ele não represente para si mesmo por preferência, como em alguma atitude típica, de algum tamanho normal, a alguma distância característica, de algum tom padrão etc. etc. Mas todas essas características essenciais, que juntas formam a genuína objetividade da coisa e contrastam com as sensações subjetivas que dela podemos obter em um dado momento, são elas mesmas sensações puras e simples, suscetíveis de serem plenamente dadas em *algum* outro momento. A espontaneidade da mente não consiste em conjurar nenhuma nova qualidade não sensorial da objetividade. Ela consiste apenas em decidir qual será a sensação específica cuja objetividade natural será mantida mais válida do que a de todo o resto.<sup>10</sup>

Assim, a percepção envolve uma escolha dupla. De todas as sensações presentes, notamos principalmente aquelas que são significativas das ausentes [de significação]: e dentre todos os associados ausentes sugeridos, novamente, escolhemos muito poucos como os portadores *par excellence* de realidade objetiva. Não poderíamos ter um exemplo mais extraordinário do trabalho seletivo da mente.

Assim, o trabalho prossegue ao lidar com os objetos dados na percepção. O Pensamento Empírico de um homem depende dos objetos [p. 12] e eventos que ele experimentou, mas o que isso deve ser é, em grande parte, determinado por seus hábitos de atenção. Um objeto pode estar presente a ele mil vezes, mas se, persistentemente, ele não consegue percebê-lo, não se pode dizer que ele entra em sua experiência. Todos nós estamos vendo moscas, mariposas e besouros aos milhares, mas a quem, exceto um entomologista, eles dizem algo diferente? Por outro lado, um objeto, encontrado apenas uma vez na vida, pode deixar uma experiência permanente na memória. Que quatro homens façam uma viagem. Um trará para casa apenas impressões pitorescas, roupas e cores, parques e vistas e obras de arquitetura, fotos e estátuas. Para outro, tudo isso será inexistente; e distâncias e preços, populações e arranjos de drenagem, portas e janelas, e outras estatísticas

---

10 Quando digo que os Objetos são totalmente formados por sensações associadas e selecionadas, espero que o leitor não entenda que eu professe adesão à velha doutrina atômica de associação, tão minuciosamente decifrada pelo Professor Green. A associação de sensações de que falo pressupõe comparação e memória, funções que não são dadas em nenhuma sensação. Tudo o que quero dizer é que essas funções mentais já estão em ação nos primeiros momentos da sensação e que as mais simples mudanças de sensação envolvem, além disso, a consciência de todas as categorias – tempo, espaço, número, objetividade, causalidade. Não existe primeiro um ato passivo de sensação propriamente dito, seguido por uma produção ou projeção ativa (“inferência”) dos atributos de objetividade da mente. Tudo isso nos chega junto com as qualidades sensíveis, e seu progresso da imprecisão à distinção é o único processo que os psicólogos precisam explicar. O que quero dizer [aqui] é que esse processo envolve nada além de associação e seleção, sendo negada toda nova produção de elementos materiais ou formais.

úteis tomarão seu lugar. Um terceiro dará uma rica descrição dos teatros, restaurantes e bailes públicos, e nada mais; enquanto o quarto talvez tenha estado tão envolto em seus próprios estados de espírito para contar pouco mais do que alguns nomes de lugares pelos quais ele passou. Cada um selecionou, da mesma massa de objetos apresentados, aqueles que se adequavam ao seu interesse particular e assim [cada um deles] estabeleceu sua experiência.

Se, agora, deixando a combinação empírica de objetos, perguntamos como a mente procede racionalmente para conectá-los, encontramos a seleção novamente suprema. No artigo “Brute and Human Intellect” [Intelecto bruto e humano] no *Journal of Speculative Philosophy*, julho de 1878, p. 236, tentei mostrar que todo Raciocínio depende da capacidade da mente de dividir a totalidade do fenômeno fundamentado em fatores ou elementos parciais, e escolher dentre eles aquele que, em nossa dada emergência teórica ou prática, pode levar à conclusão apropriada. Outro dilema precisará de outra conclusão, e requererá outro elemento para ser escolhido. O homem de gênio é aquele que sempre manterá sua conta, por assim dizer, no ponto certo, e a revelará com o elemento certo – “razão”, se a emergência é teórica “significa” se ela é *transpassada pela prática*? [Com] associação por similaridade, tenho demonstrado ser uma ajuda importante para essa divisão das coisas representadas em seus elementos. Mas essa associação é apenas o mínimo da mesma seleção que, escolhendo a razão certa, é o máximo. Aqui, limite-me a essa breve afirmação, mas pode ser suficiente mostrar que o Raciocínio é apenas outra forma dessa atividade seletiva que parece ser a verdadeira esfera da espontaneidade mental.

Se agora passarmos à atividade Estética da mente, a aplicação da nossa lei é ainda mais óbvia. O artista seleciona notoriamente seus itens, rejeitando todos os tons, cores, formas, que não harmonizam entre si e com o objetivo principal da [p. 13] sua obra. Essa unidade, harmonia, “convergência de caracteres”, como M. Taine a chama, a qual confere às obras de arte sua superioridade sobre as obras da natureza, é inteiramente devida à *eliminação*. Qualquer tema natural assim será, se o artista tiver perspicácia suficiente para se debruçar sobre algum traço desse tema como característica e suprimir todos os itens meramente acidentais que não se harmonizam com ele.

Ascendendo ainda mais alto, alcançamos o plano da Ética em que a escolha reina notoriamente suprema. Um ato não tem qualquer qualidade ética a menos que seja escolhido dentre vários [e] todos igualmente possíveis. Sustentar os argumentos do bom caminho e mantê-los sempre diante de nós, sufocar o desejo por caminhos mais floridos, manter o pé sem trégua no árduo caminho, essas são energias éticas características. Mas, mais do que isso; visto que isso [não é] senão lidar com os meios de interesses contundentes já sentidos pelo homem como supremos. A energia ética *par excellence* tem de ir além e escolher qual interesse dentre vários igualmente coercitivos se tornará supremo. A questão aqui é de extrema importância, pois decide todo o percurso de vida de um homem. Quando ele debate, devo cometer esse crime? escolher essa profissão? aceitar esse cargo ou aceitar esse destino? – sua escolha realmente está entre um dos vários *Eus* futuros igualmente possíveis. O que todo o seu *Ego* empírico se tornará é fixado pela conduta desse momento. Schopenhauer, que reforça seu determinismo pelo argumento de que, com um determinado caráter fixo, apenas uma reação é possível em determinadas circunstâncias, esquece que,

nesses momentos éticos críticos, o que conscientemente *parece* estar em questão é a própria natureza do caráter. O problema com o homem é menos o ato que ele deve escolher agora do que o tipo de ser que ele deve então decidir se tornar.

Recapitulando essa revisão, vemos que a mente é, em todos os estágios, um teatro de possibilidades simultâneas. A consciência consiste na comparação entre si, na seleção de alguns e na supressão do resto pela ação [agency] reforçadora e inibidora da atenção. Os produtos mentais mais elevados e elaborados são filtrados dos dados escolhidos pela faculdade inferior seguinte, abaixo da massa oferecida pela faculdade abaixo dessa, que por sua vez foi extraída de uma quantidade ainda maior de material ainda mais simples, e assim por diante. O mais afinado *representa*, portanto, em última análise, nada além de elementos sensoriais. Mas isso está longe de significar que ele não implica nada além de faculdade passiva da sensação. Assim como bem se poderia dizer que o escultor é passivo porque a estátua esteve sempre dentro da pedra. Isso também, mas com um milhão de diferentes extras. O mundo como um Goethe sente e conhece, todo ele se encontra incorporado ao caos primordial das sensações [p. 14] e, nesses elementos, podemos analisar retrospectivamente todos os pensamentos do poeta. Podemos mesmo, de acordo com nossos raciocínios, explicar as coisas em continuidade sombria e sem juntas do espaço e nuvens moventes de multidões atômicas que a ciência chama de único mundo real. Mas o tempo todo o mundo que sentimos e vivemos será aquele que nossos ancestrais e nós, por movimentos lentamente cumulativos de nossa escolha, extraímos, assim como o escultor extrai sua estátua simplesmente rejeitando as outras partes da pedra. Outros escultores, outras mentes da mesma pedra! Outras mentes, outros mundos a partir do mesmo caos! O mundo de Goethe é apenas um em um milhão igualmente incorporado, igualmente real para aqueles que conseguem abstrai-lo. Alguns desses mundos podem existir na consciência de formigas, caranguejos e lulas.

Após essa análise talvez um tanto longa, vamos agora olhar retrospectivamente. Descobrimos que a ação não assistida dos hemisférios cerebrais provavelmente seria aleatória e inconstante; que o processo nervoso provavelmente a conduzir os interesses do animal não necessariamente predominaria em um dado momento. Por outro lado, descobrimos que uma consciência imparcial é uma não-entidade e uma de muitos itens que já ocupam nosso estágio mental. O sentimento sempre escolhe um [item] como o mais congruente com os interesses sobre os quais ele assumiu sua posição. Agrupando esses dois resultados, uma inferência é inevitável. Os “itens” no estágio mental são os aspectos subjetivos de muitos processos nervosos ao enfatizarem as representações congruentes com o interesse consciente e desencorajarem todos os outros, a Atenção não poderá reforçar e inibir os processos nervosos aos quais as representações correspondem separadamente?

É claro que isso é somente uma afirmação hipotética do veredicto do sentimento pessoal direto – um veredicto declarado embusteiro pelo professor Clifford. Mas, a análise intrincada a qual ele alcançou concede a ele grande plausibilidade. Reforçarei a probabilidade com mais fatos em um momento. Mas, rogo ao leitor que observe aqui as limitações do poder do Sentimento, se houver poder. Todas as possibilidades de representação, todas as imagens são fornecidas pelo cérebro. A consciência não produz nada, ela somente altera as proporções. Mesmo a ação milagrosa do livre-arbítrio pode consistir apenas no reforço quantitativo das representações já dadas qualitativamente. Uma placa sonora não tem sua nota própria. É, na maior parte,

impossível reproduzi-lo duas vezes com um tom idêntico. O número de figuras de areia de Chladni\* que ele fornecerá é tão inesgotável quanto as anomalias que podem aparecer no cérebro. Mas como o dedo do físico pressionando a placa aqui ou ali determina pontos nodais que jogam a areia em formas de relativa fixidez, [p. 15] também o dedo acentuado da consciência pode lidar com os turbilhões flutuantes no córtex cerebral.

O fato de esses turbilhões serem provocados por causas que não têm conexão com interesses dominantes ou impressões presentes parece manifesto dos fenômenos do sonho. As imagens caóticas aparecem aí devido ao estímulo desigual da nutrição em diferentes áreas. Mas se uma variação acidental na nutrição é suficiente para determinar a ação do cérebro, que salvaguarda temos a qualquer momento contra sua influência randômica? Podemos, claro, argumentar, de modo razoável, que o estado excepcional de sono não pode fornecer nenhuma pista adequada para as operações do cérebro quando acordado. [Louis Ferdinand Alfred] Maury, contudo, em seu trabalho clássico, *Le Sommeil [et les rêves]*, 1861], provou conclusivamente a passagem dos sonhos através de “alucinações hipnagógicas” a uma chuva meteórica de imagens e sugestões, irrelevante para a linha principal de pensamento, cuja presença contínua todos os que já tiveram uma vez seu *interesse despertado* no assunto reconhecerão sem dificuldade em si mesmo. Normalmente, eles parecem quando nascem; mas se um, por acaso, vagar pela mente, que *está* relacionada à atividade dominante do momento, presto!, ao se projetar, torna-se parte do *Ego* empírico. As maiores invenções, os pensamentos mais brilhantes, frequentemente, surgem acidentalmente; contudo, eles podem moldar tudo isso para o futuro do homem. Teriam eles conquistado essa proeminência acima de seus pares sem o olhar atento da consciência para reconhecer seu valor e acentuá-los em permanência?

---

\* N. do T.: Ernst Florens Friedrich Chladni (1756-1827), físico e músico alemão, ocasionalmente, é considerado o pai da acústica. Uma das realizações mais conhecidas de Chladni foi inventar uma técnica para mostrar os vários modos de vibração em uma superfície rígida, conhecidas como figuras de Chladni, devido às várias formas ou padrões criados em vários modos.

Nur allein der *Mensch*  
Vermag das Unmögliche.  
Er unterscheidet, wählet und richtet  
Er kann dem augenblick  
Dauer verleihen. [\*]

A hipótese que defendemos pode, se confirmada, mitigar consideravelmente uma das objeções mais fortes à credibilidade da teoria darwinista. Uma consciência, que não devesse apenas determinar seu cérebro para cursos prósperos, mas também, em virtude da influência hereditária do hábito (hoje em dia tão comumente acreditada pelos naturalistas), deveria organizar de geração em geração um sistema nervoso cada vez mais mecanicamente incapaz de se desviar das linhas de interesse escolhidas, a princípio, reduziria imensamente o tempo e o trabalho da seleção natural. O sr. Darwin considera a natureza animada como um tipo de mesa sobre a qual um dado é continuamente lançado. Nenhuma intenção preside o arremesso, mas números afortunados de vez em quando aparecem fortuitamente e são preservados. Se as ideias que avançamos sobre a instabilidade de um cérebro complexo forem verdadeiras, deveríamos ter uma espécie de extensão desse reino de acidente na vida funcional de [p. 16] todo animal individual cujo cérebro se tornou suficientemente evoluído. Como o corpo do animal morfológicamente era o resultado de um acaso feliz, cada um dos seus chamados atos de inteligência seria outro [resultado]; e idades poderiam passar diante desse enorme jogo de loteria [e] um cérebro surgir complexo e fixado. Mas dê à consciência o poder de exercer uma pressão constante na direção da sobrevivência e dê ao organismo o poder de crescer para os modos em que a consciência o conduziu, e o número de tentativas dispersas é imensamente reduzido [assim como] o tempo [é] proporcionalmente abreviado para a Evolução. De fato, é difícil ver como, sem um ideal superintendente eficaz, a evolução de um órgão tão instável como o cérebro dos mamíferos pôde ter seguido adiante.

Que a consciência só devesse ser intensa quando os processos nervosos estão atrasados ou hesitantes e, no mínimo, quando a ação nervosa é rápida ou certa, realça a ideia de que ela é eficaz. Uma Ação rápida e automática é a ação através de trilhas nervosas cuidadosamente escavadas que não têm a insuficiência de funcionamento incerto. Todos os instintos e hábitos firmados são desse tipo. Mas, quando a ação é hesitante parece haver sempre possibilidades de alternativas diversas

---

12 [\*] Nota do editor da *Classics*:

No original:

Only man [the human] is able to accomplish  
the impossible.

He distinguishes, chooses, and judges,  
And he can give permanence to the  
moment.

(Translation courtesy of Thomas Teo, York  
University)

Nossa tradução:

Somente o homem [o humano] é capaz de  
realizar o impossível.

Ele distingue, escolhes, e julga,  
E ele pode dar permanência ao momento.

(Tradução cortesia de Thomas Teo, York  
University)

de descargas nervosas. O sentimento despertado assenta a excitação nascente de cada trilha nervosa que parece, por sua qualidade atrativa ou repulsiva, determinar se a excitação deve ser abortada ou tornada completa. Em momento de grande indecisão, como diante de um salto perigoso, a consciência é extremamente intensa. Sentir, desse ponto de vista, pode ser comparado a uma seção transversal da cadeia de descarga nervosa, em que se verifica os elos já estabelecidos e procurando entre as novas extremidades aquelas que melhor parecem encaixar-se ao caso.

Os notáveis fenômenos da “função vicária” nos centros nervosos formam outro elo em nossa cadeia de evidências circunstanciais. Uma máquina em funcionamento trabalha necessariamente de um modo. Nossa consciência chama isso de modo correto. Retire uma válvula, jogue uma roda fora da engrenagem ou dobre um pivô, e ela se tornará uma máquina diferente, funcionando necessariamente de modo diferente que chamamos de modo errado. Mas a máquina em si mesma não sabe nada de errado ou certo: a matéria não tem ideias a seguir. Uma locomotiva levará seu trem por uma ponte levadiça aberta tão alegremente quanto em qualquer outro destino.

Um cérebro com parte removida é praticamente uma máquina nova e, durante os primeiros dias após a operação, funciona de maneira completamente anormal. Por que, se suas performances resultam cegamente de sua estrutura, não dirigidas por qualquer sentimento de propósito, não deveria continuar cegamente agora a lançar atos inapropriados exatamente como antes de sua mutilação em que ela produzia atos apropriados? Na verdade, contudo, suas performances tornam-se dia [p. 17] a dia mais normais, até que finalmente um olho experiente possa ser necessário para suspeitar de [que] algo [esteja] errado. Se supusermos a presença de *uma* mente, não apenas tomando conhecimento de cada erro funcional, mas capaz de exercer uma pressão eficiente para inibi-lo, se for um incorreção de instrução, conceder uma mão fortalecedora se o defeito do nervo for uma fraqueza ou incorreção de omissão – nada parece mais natural do que o fato de que as partes remanescentes do cérebro, auxiliadas dessa maneira, devam, em virtude do princípio do hábito, voltar aos velhos modos teleológicos de exercício para os quais foram inicialmente incapacitados. Nada, pelo contrário, parece à primeira vista mais antinatural do que elas [as partes remanescentes do cérebro] devessem assumir indiretamente as funções de uma parte, agora perdida sem tais *funções*, exercendo qualquer força persuasiva ou coercitiva<sup>13</sup>.

Há ainda um outro conjunto de fatos que parecem explicáveis pela suposição de que a consciência tem eficácia causal. Há muito tempo se nota que, em geral, prazeres estão associados com experiências benéficas [e] dores com prejuízos. Todos os processos vitais fundamentais ilustram essa lei. Fome, asfixia, privação de comida, bebida e sono, trabalho extenuante, queimaduras, feridas, inflamação, os efeitos do veneno são tão desagradáveis quanto encher o estômago faminto, desfrutar de descanso e sono após fadiga, exercício após descanso e uma pele sã e ossos inteiros são sempre agradáveis. O sr. Spencer, no capítulo do seu

---

13 Este argumento, embora tão marcante nos oito primeiros, talvez seja um argumento que seria perigoso insistir tão dogmaticamente. Talvez a restituição da função cerebral seja suscetível de explicação sobre os princípios de drenagem ou, para usar a frase de Stricker, por “inervação colateral”. Como estou preparando um ensaio à parte sobre esse assunto, não falarei mais a respeito aqui.

*Psicologia* intitulado “Prazeres e Dores”, sugeriu que tais coincidências são devidas não a qualquer harmonia pré-estabelecida, mas à mera ação da seleção natural que certamente exterminaria a longo prazo qualquer raça de criaturas para qual a experiência, *fundamentalmente* nociva, parecesse aprazível. Um animal que devesse ter prazer em uma asfixia, se esse prazer fosse eficaz, faria com que ele mergulhasse a cabeça na água, desfrutasse de uma longevidade de quatro ou cinco minutos. Mas se prazeres e dores não têm eficácia, não se vê (sem alguma *a* [sic] *priori* harmonia racional como ridicularizada pelos defensores “científicos” da teoria-Autômato), a razão pela qual os atos mais nocivos, como queimação, podem não proporcionar uma emoção de prazer e os mais necessários, como respiração, causam agonia.<sup>14</sup> As exceções a tal lei [p. 18] são, é verdade, numerosas, mas relacionam-se a experiências que não são vitais ou não universais. A embriaguez, por exemplo, embora seja nociva para muitas pessoas, é uma experiência excepcional. Mas, como o excelente fisiologista Fick observa, se em todos os rios e mananciais corresse álcool em vez de água, ou todos os homens odiariam ou nossos nervos teriam sido selecionados para beber impunemente. A única tentativa considerável que já foi feita para explicar a distribuição de nossos sentimentos é a do sr. Grant Allen em seu sugestivo trabalho *Physiological Aesthetics*; e seu raciocínio baseia-se exclusivamente na eficácia causal de prazeres e dores que os partidários do “duplo aspecto” negam com tanta veemência.

Portanto, de todos os pontos de vista, as evidências circunstanciais contra essa teoria são muito fortes. Uma análise *a priori* das ações cerebrais e conscientes mostra que, se as últimas fossem eficazes, por sua ênfase seletiva, reparariam a indeterminação das primeiras; enquanto o estudo *a* [sic] *posteriori* da *distribuição* da consciência mostra que é exatamente o que poderíamos esperar de um órgão adicionado para guiar um sistema nervoso que se tornou complexo demais para se regular. A conclusão de que é útil é, depois de tudo isso, mais do que justificável. Mas, se *for* útil, deve ser assim por sua eficácia e a teoria do Autômato Consciente não deve resistir à teoria do Senso Comum.

Nossa discussão poderia parar por aqui exceto pela possível dificuldade que alguns leitores possam ter em apreciar a utilidade total de se enfatizar certas possibilidades nervosas no restante [do artigo]. A medida de toda utilidade é,

14 Não negligencio uma objeção óbvia sugerida por uma operação como a respiração. Como outros processos motores, ela resulta de uma tendência à descarga nervosa. Quando isso ocorre imediatamente, quase nenhum sentimento senão o negativo da facilidade resulta. Quando, no entanto, uma descarga nervosa é verificada, é uma lei universal que a consciência de um tipo desagradável é despertada, atingindo, no caso de asfixia, o extremo da agonia. Um automatista pode então dizer que sentir aqui, longe de desempenhar um papel dinâmico, é um mero índice ou sintoma passivo de certos acontecimentos mecânicos; e se [ocorre] aqui, então, [ocorre] em outro lugar. Pode-se responder que, mesmo que isso aconteça em atos completamente habituais, como respirar, em que os caminhos nervosos foram completamente organizados por gerações, isso não precisa ser verdadeiro em atos hesitantes ainda não habituais; não precisa ser verdadeiro de dores e prazeres, como fome e sono, não [estarem] relacionados à descarga motora; e mesmo no caso escolhido, ele deixa de fora a possibilidade de que o mecanismo nervoso, agora automaticamente perfeito, possa ter se tornado assim por hábitos lentamente organizados [e] adquiridos sob a orientação de sentimento consciente.

como vimos, algum padrão postulado por Desejo. O padrão de sobrevivência ou autopreservação é mais potente. Mas há uma infinidade de outros padrões, estéticos e morais, imperativos desde que eles não entrem em conflito com um [padrão] e, ocasionalmente, imperativos em relação a ele. Na seleção preliminar [realizada] pelos sentidos de certas ordens objetivas de movimento, é difícil ver qual padrão [p. 19] é facilitado. A utilidade de não termos sentido para o magnetismo, quando temos um para o calor, não é óbvia. Podemos suspeitar, no máximo, de um possível brilho e nitidez estético resultantes dos amplos intervalos. Mas passando por essa região obscura, vemos, sem a menor dificuldade, a razão de ignorarmos os ingredientes da sensação que não são signos das coisas. Qual a peculiaridade em si mesma que torna a voz de Smith tão diferente da voz de Brown, nunca precisamos perguntar, já que sempre que a ouvimos, dizemos “Smith existe”. Pois nosso interesse prático em reconhecer com quem devemos lidar supera nosso interesse nas tonalidades do som *per se*. A seleção novamente de certas atitudes, expressões, etc., em Smith permanece como característica dele uma vez que, quando outras [características] estão presentes, dizemos “Ele não se parece com ele”, e se seu retrato nos está sendo apresentado, passamos talvez uma hora ajeitando-o e iluminando-o, a fim de destacar com a máxima clareza esses traços selecionados – essa seleção, digo, é igualmente explicável por vários padrões estéticos, simplicidade de permanência, harmonia, clareza e coisas do gênero. Passando agora de características a *coisas*, a utilidade da seleção é obviamente criada e medida pelos interesses que o homem fez os seus próprios. Se Edward nunca sai de casa sem encontrar um trevo de quatro folhas e Oliver morre de velhice sem ter visto um, isso se deve simplesmente ao fato de Edward ter sido levado de alguma forma a apostar sua felicidade naquele ramo particular da descoberta, [que] fora de um campo visual, [é] idêntico ao que Oliver escolheu os detalhes que sustentam esse interesse um tanto arbitrário. Admitido o interesse, não podemos negar o uso do poder de escolha. Que Edward, tendo esse interesse em comum com muitos outros, devesse finalmente conseguir destacar alguns e suprimir outros, seria um exemplo da utilidade da seleção no campo ético, supondo sempre que o novo interesse escolhido fosse de ordem superior, e não [ser] como jogos de palavras, por exemplo, um fim tão trivial quanto [o interesse] renunciado.

No campo ético, a importância de escolher o interesse supremo é universalmente reconhecida. Mas não é tão conhecido como, quando o interesse é fixado, a atividade seletiva deve trabalhar incessantemente para detectar sua presença ou ausência em cada emergência que surgir. Tomemos, por exemplo, um embriagado lutando com a tentação. O copo está diante dele, e o ato de beber tem uma infinidade de aspectos e pode ser definido de várias maneiras. Se ele selecionasse o aspecto de ajudá-lo a escrever um artigo, sendo apenas chope, sendo o 4 de julho, de precisar dele como remédio, de nunca ter formalmente assinado o juramento dessa bebida particular “como um fator extra” [not counting], ou, então, dando-lhe forças para tomar uma resolução muito mais poderosa para o futuro do que qualquer das suas [p. 20] outras anteriores, ou quaisquer outros sofismas que seu apetite possa instigar, ele apenas acentua algum caráter realmente contido no ato, mas precisa que essa pressão realçada da sua atenção seja erigida em sua essência. Mas se, dentre todas as sugestões fervilhantes com as quais o licor à sua frente excita seu cérebro, dizendo, respectivamente, “É um caso desse benefício, desse interesse e distante ao longe”,

sua mente se precipita sobre uma [sugestão] que repete, “*É essencialmente um caso de embriaguez!*” e nunca deixa isso prosseguir, [então,] seu golpe de classificação se torna sua ação de virtude. O poder de escolher o nome preciso para o caso é a verdadeira energia moral envolvida, e todos os que defendem fins morais devem concordar com a utilidade suprema de, pelo menos, esse tipo de atenção seletiva.

Esse é, no entanto, apenas um exemplo dessa substituição de todo o fenômeno de um dos seus aspectos parciais, que é a essência de todo pensamento racional, distinto da mera associação habitual. A utilidade do pensamento racional é demasiadamente grande para precisar de demonstração. Um animal racional pode alcançar seus fins por caminhos nos quais a luz da experiência anterior nunca tenha reluzido. Aquele que, pelo contrário, não pode romper o fenômeno total e selecionar seu caráter essencial, deve esperar até que a sorte já o tenha juntado ao seu Fim antes que ele possa adivinhar qualquer conexão [que] se obtém entre os dois. Tudo isso está elaborado no artigo “On Brute and Human Intellect” [Sobre o intelecto bruto e humano] o qual me atrevi a indicar ao leitor. No artigo (p. 274), afirmo que achava impossível simbolizar, por qualquer peculiaridade mecânica ou química, essa tendência do cérebro humano de focalizar sua atividade em pequenos pontos que parecem constituir a essência de seu poder de raciocínio. Mas se tal focalização se deve realmente não tanto à peculiaridade estrutural quanto ao poder de realçar uma consciência eficaz superadicionada, o caso não precisa mais nos deixar perplexos.

É claro que o materialista ainda pode dizer que a atenção realçada obedece à vibração mais forte e não a causa, que faremos o que faremos [e] não faremos o que queremos – que, em resumo, o interesse é passivo e, na melhor das hipóteses, um signo de força da perturbação nervosa. Ele é, contudo, imediatamente confrontado pelo fato notório de que as tendências mais fortes à atividade automática nos nervos costumam contrariar a pressão seletiva da consciência. Todos os dias de nossas vidas, lutamos para escapar de uma música tediosa ou de um pensamento odioso que a disposição momentânea do cérebro continua nos forçando. E, tomando casos mais extremos, há tendências assassinas [relativas] à descarga nervosa que, longe de envolver por sua intensidade o consentimento da vontade, fazem com que seus súditos voluntariamente se voltem a asilos para escapar de sua temida tirania. Em todos esses casos de *voluntas paradoxa* ou *invila*, o indivíduo seleciona dentre os dois eus possíveis [p. 21] produzidos por seus poderes cerebrais aquele como o verdadeiro *Ego*; o outro, ele considera um inimigo até que, finalmente, a tempestade cerebral se torne forte demais para o poder do timoneiro. Mas, mesmo nas profundezas da mania ou da embriaguez, o homem consciente pode se firmar e ser racional por um instante, se um motivo suficiente for trazido à tona. Ele não está morto, apenas dorme.

Eu deveria ser o último a afirmar que a teoria do Senso Comum não deixa dificuldades a serem solucionadas. Sinto-me, de fato, muito mais forte do que os Professores Huxley e Clifford que somente o *nexo racional* é a identidade e que sentimento e tremor nervoso são disparates. Também sinto que aqueles que sorriem com a ideia de chamar a consciência de “*órgão*”, ao lado de outros órgãos, talvez sejam movidos por um instinto fundamentalmente correto. Além disso, sinto que esse equilíbrio instável do cérebro que forma o pivô do argumento recém-concluído pode, com melhor conhecimento, ser perfeitamente compatível com

uma adequação média das suas ações tomadas a longo prazo. Mas, com todas essas concessões feitas, ainda acredito que a teoria do Senso Comum mereça nossa credibilidade presente. As probabilidades fragmentárias apoiadas pelo estudo de detalhes são mais dignas de confiança do que quaisquer meras concepções universais, por mais tentadoras que sejam sua simplicidade. A ciência ganhou todo o seu crédito pelo primeiro tipo de raciocínio, a Metafísica perdeu o seu pelo segundo tipo. A impossibilidade de movimento, de conhecimento, subjetivo ou objetivo, é comprovada por argumentos tão bons quanto o que nega causalidade ao sentimento, devido à sua disparidade com seus efeitos. É realmente monstruoso ver o prestígio da “Ciência” invocado para uma conclusão materialista, alcançada por métodos que, se fossem usados apenas para fins espiritualistas, seriam considerados anticientíficos ao extremo. Nosso argumento, pobre que seja, se manteve a todo custo sobre o plano dos fatos concretos. Suas evidências circunstanciais dificilmente podem ser desordenadas até que os teóricos dos autômatos tenham condescendido a fazer ou invocar algumas novas descobertas de detalhes que nos obrigarão a reinterpretar os fatos que já conhecemos. Mas, nesse caso, sinto-me intimamente convencido de que a reinterpretação será tão ampla que transformará completamente a teoria do Autômato em teoria popular. A teoria do Autômato, em seu estado atual, se contenta uma emancipação puramente negativa. Há uma lacuna, diz-se, entre sentimento e ato. A consciência é impotente. Ela existe, certamente, mas todos seus *modos* de existência, que a fazem parecer relevante à nossa vida externa, são meras coincidências sem sentido, partes inexplicáveis da irracionalidade geral e íntima deste mundo desarticulado. A pouca continuidade e razão que parece existir, diz-se, reside inteiramente no campo da física molecular. [p. 22]

Para lá, a ciência pode recuar e dar suas costas fortes às zombarias e fantasmas que povoam o esbanjamento do Ser em toda parte. A essência da teoria do Senso Comum, suponho, é agora negar essas negações. Ele se recusa obstinadamente a acreditar que a Consciência é irrelevante ou sem importância para o resto. Ela está aí com um propósito, tem uma significação. Mas como toda significação, relevância e propósito são simbolizados para nossa inteligência presente em termos de ação, reação e eficácia causal, o Senso Comum expressa sua crença no valor de Sentir, recusando-se a concebê-lo fora dessas relações. Quando surgir uma filosofia que, por meio de novos fatos ou concepções, mostrar como sentimentos particulares podem ser destituídos de eficácia causal sem o gênero Sentir como um todo tornando-se o tipo de *ignis fatuus* e proscrito, que hoje parece ser para muitos “cientistas” (palavra repugnante!), talvez possamos saudar os Professores Huxley e Clifford como verdadeiros profetas. Até então, afirmo que estamos incorrendo no erro mais leve a despeito de considerar nossos eus conscientes como cada um combatendo ativamente por seus interesses na arena e não como espectadores impotentemente paráliticos do jogo.